

F
920.08135
M527

ARNON DE MELLO
Senador da República

TRÊS ALAGOANOS

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :

Energia Nuclear
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Pesquisa
Emigração de Cientistas
Cientistas-Meninos
Ciência e Democracia
América Latina: Educação e Progresso
Inquérito Parlamentar Sobre o "Brain Drain"
Perfis
Responsabilidade do Legislador
Vereadores
Pelé no Senado
Legislação Social e Desenvolvimento (1930-1964)
Alagoas, Petróleo e Petrobrás
Resposta ao Senador Edward Kennedy
Comunidade Luso-Brasileira
Brasil, Passado e Presente
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento
A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste
Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional
Problemas de Educação

outros discursos:

UMA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO

Livraria José Olympio Editôra — Rio

Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05

Rio de Janeiro

ARNON DE MELLO

Senador da República

TRÊS ALAGOANOS

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

ÍNDICE

RUI PALMEIRA	3
ALFREDO DE MAYA	13
JORGE DE LIMA	17

RUI PALMEIRA

Sr. Presidente: (*)

Rui Palmeira, cuja memória o Senado nesta data homenageia, era um homem público autêntico, de vocação política enraizada em antepassados que iluminam a história de Alagoas.

Pertencíamos, Rui Palmeira e eu, à mesma geração. Fomos, aos doze anos de idade, alunos do mesmo colégio, o Ginásio de Maceió, êle e eu meninos de engenho, filhos de senhores de canaviais do Nordeste, o seu pai, político de ascendência famosa, e o meu pai, *self-made-man*, agricultor que começou trabalhando a terra com as próprias mãos.

DEMOCRACIA

Já aí, ao madrugarmos na vida, eram coincidentes os nossos destinos. Tinha cada um de nós o seu "jornal", dois hebdomadários escritos à mão que circulavam no próprio colégio, o dêle, *A Pátria*, e o meu, *O Eco*, as matérias dêste copiadas por minhas irmãs normalistas. Já praticávamos a democracia: debatíamos, nas colunas de nossos "jornais", com independência e calorosamente, os assuntos de interesse público. Como a liberdade sempre foi algo de essencial para nós, a amizade e o coleguismo não nos impediam de divergir. Divergíamos no modo de encarar os acontecimentos políticos da época, primeiros passos decisivos para a eclosão do movimento revolucionário vitorioso em 1930: eu, querendo a transformação político-social pacífica; e Rui Palmeira, defen-

(*) Discurso pronunciado na sessão de 29 de outubro de 1969, do Senado Federal, em Brasília.

dendo a aceleração da mudança, solidário e entusiasmado com a atitude de rebeldia de um punhado de jovens militares idealistas, entre êles, o Tenente Filinto Müller, hoje nosso ilustre líder nesta Casa, os quais percorriam, de armas nas mãos, o território nacional, pregando e lutando pela reforma dos nossos costumes políticos.

TRANSFERÊNCIA PARA O RIO

Estávamos em meados da década de 20. Perdendo meu pai, nessa época, tudo quanto possuía, pois que, já então comerciante de açúcar em Maceió, fôra surpreendido pela proibição de exportá-lo, e os estoques que armazenara se transformaram em melaço, sem compradores — tive de deixar o colégio, onde era aluno interno, para empregar-me, primeiro num escritório comercial e depois como revisor e repórter de jornal. Perdi, então, Rui Palmeira de vista porque fui concluir meu curso de humanidades no velho Liceu Alagoano, e transferi-me em começos de 1930 para o Rio, em cuja imprensa passei a trabalhar.

A êsse tempo, Rui, triunfante a Revolução pela qual lutara, participava da vida pública alagoana e integrava a redação de um jornal opositor ao Governo do Estado, dirigido por Baltazar de Mendonça, grande figura de jornalista, que amava enfrentar temporais e se afirmava pela independência. No movimento revolucionário de 1932, fêz-se soldado a fim de participar da luta armada, e de Alagoas veio, com um grupo de companheiros, para, nas trincheiras do Sul, defender os ideais de 1930.

Depois de haver sido Secretário da Prefeitura de Maceió, eis Rui Palmeira como dirigente da Cooperativa dos Banguizeiros de Alagoas, na linha de frente do combate pelos interesses e a sobrevivência dos pequenos engenhos de açúcar, dos velhos banguês coloniais, que as usinas modernas ameaçavam e terminaram por tragar.

Correm os tempos, e sômente em 1945, quando vou a Maceió saber com que fôrças contaria ali o Brigadeiro Eduardo Gomes para a campanha de redemocratização do Brasil, revejo o colega. A Freitas Cavalcanti, que ilustrou esta Casa por vários anos e hoje honra Alagoas e o Brasil como Ministro do Tribunal de Contas da União, perguntei qual dos jovens alagoanos poderia dirigir o movimento. Freitas não titubeou:

— O Rui é o líder autêntico da nova geração ansiosa de liberdade.

LUTA POLÍTICA

Reencontramo-nos, assim, Rui e eu, na mesma trincheira de luta. Reunira êle, para a campanha democrática, o que de melhor havia na juventude alagoana, dentro da qual, além de Freitas Cavalcanti, se destacava, no verdor dos anos, o estudante Aurélio Vianna, hoje o nobre líder da Oposição nesta Casa; e mais Lourival de Melo Mota, Mário Gomes de Barros, Carlos Gomes de Barros, Eustáquio Gomes de Melo, Oceano Carleial, Segismundo Andrade, que depois se elegeram Deputados, e ainda o escritor Teotônio Vilela, agora nosso colega aqui no Senado. E contava ainda Rui Palmeira com os meninos colegiais, que o seguiam como verdadeiros devotos. Fundou-se, sob sua chefia, a Ala Môça da UDN (União Democrática Nacional), na qual me integrei.

Encontro, então, no colega dos tempos do Ginásio de Maceió, o jovem político precocemente amadurecido. Não lhe faltava, a Rui Palmeira, nem lucidez para ver, nem bom senso para discernir, nem autoridade para dirigir, nem serenidade para enfrentar borrascas, nem coragem para combater. A sua coragem era autêntica. Não a ostentava. Não a desperdiçava. Não a esbanjava. Não a usava indocemente ou para beneficiar-se pessoalmente. Usava-a no interesse público, em defesa da comunidade. Se se tratava de uma causa coletiva, contassem com êle, e ninguém mais inarredável e inflexível no campo de combate. Não havia companheiro melhor, mais decidido, mais firme, mais consciente dos seus deveres para com o povo, mais isento de mesquinhas. Sabia lutar como poucos, com inteligência e elevação. Era um bravo sem parecer, dentro de exemplar suavidade de trato que se confundia com humildade. Tinha o senso da medida e da oportunidade, como, profundo, o sentimento do dever. Sabia quando agir, e na hora precisa não faltava, não se omitia, era afirmativo e decidido.

SEM ÓDIOS

Tinha também a coragem de transigir quando a transigência se impunha acima das posições de cada um. Não alimentando ódios, sentia-se à vontade tanto para refazer relações pessoais quanto para conversar e entender-se com adversários, desde que as circunstâncias e o interesse público

o aconselhassem. As incompatibilidades da véspera desapareciam ante a conveniência coletiva. Não recusava nunca o diálogo, embora nos entendimentos políticos, nas reuniões do Partido, nas conversas informais ouvisse muito e falasse pouco. Amava o silêncio que lhe era elemento de êxito para manter unidos os seus amigos, a sua geração. Dêle se podia dizer também que ficava rouco de ouvir e não de falar.

CAPACIDADE ALICIANTE

Embora fôsse o seu nome uma homenagem a Ruy Barbosa, em nada se assemelhava na ação política ao mestre das apóstrofes apocalípticas. Nunca esbravejou, e lutava sempre contra esbravejadores sem utilizar-lhes as armas. Nunca insultou, e vêzes sem conta era alvo de injustos ataques a que geralmente não respondia. Dentro do agitado ambiente político alagoano, era a bem dizer um solitário. Mas, ainda que silencioso e tranqüilo, não se arredava do tumulto de vozes tocadas pela paixão.

Com uma admirável capacidade aliciante, atraía amigos e correligionários que conservava, muito dedicados, ao longo dos tempos, embora fôssem, em matéria de temperamento, o oposto dêle. De natural ameno, tinha, entre os companheiros mais chegados à sua convivência, homens de tôdas as tonalidades de ânimo, dos mais ásperos aos mais suaves, dos mais violentos aos mais pacíficos. Em tais condições, obtinha a unidade, na área de sua geração e dentro de seu Partido, tal qual a queria Tagore num plano mais vasto: "A posição do Mundo de hoje não está em unir pela eliminação de tôdas as diferenças mas em unir com tôdas as diferenças intactas. Quando as diferenças naturais encontram sua harmonia, então é a verdadeira unidade."

PACIÊNCIA

Na paciência e na compreensão estava o traço marcante da personalidade de Rui Palmeira. Paciente e compreensivo era diante da vitória como da derrota, em plena luta ou nos intervalos dos combates. Nunca o vi impacientar-se e muito menos deixar-se levar pela precipitação. Aliada ao silêncio, a virtude cristã da paciência constituía talvez o segrêdo do êxito de sua carreira política. Sabia esperar, e "aquêles que sabem esperar são geralmente muito bem pagos pela sua paciência, porque em muitas coisas a demora faz mais que a

fôrça". É lição de Heredia que se aplica admiravelmente à vida pública. Não é sempre "a política o dia seguinte"? Pode muito o homem neste mundo de Deus. Mas como pode o homem modificar ou dirigir circunstâncias e acontecimentos?

LÍDER

Presidente do nosso Partido ou simples membro do seu Diretório, ocupasse ou não pôsto de comando, a situação de liderança de Rui Palmeira era sempre a mesma. Ninguém competia com êle, e só a morte lhe tirou a posição que todos lhe reconheciam.

A humildade e a modéstia com que compreendia e aceitava erros e acertos de companheiros aumentavam-lhe a autoridade. De aspecto frio, era, no entanto, extremamente humano. Embora o ar de indiferença, vivia atento a tudo, e com esta qualidade ajudava os companheiros menos atentos no alvitre de providências que mais os prestigiariam.

Assim foi Rui Palmeira a vida tôda, sempre autêntico, fiel a si mesmo, à sua natureza humana, que "nem a graça divina modifica", diz Santo Tomás de Aquino. Todos o aceitávamos como êle realmente era.

DURAS TAREFAS EM BEM DE ALAGOAS

No decorrer dêsses 25 anos em que lutamos sob a mesma bandeira, dentro do mesmo Partido, divergimos muito mas sempre nos entendíamos, acima das diferenças acidentais, ainda quando estávamos aparentemente distanciados. De temperamento tão diverso do dêle — o que vêzes nos separava, e vêzes até nos unia —, juntos cumprimos duras tarefas em bem de Alagoas. Com êle aprendi muito, e a seus conselhos devi possíveis êxitos da minha vida política.

EM NOME DA ARENA

Senhor Presidente:

Quando me inscrevi como orador desta tarde, apenas o fiz na qualidade de companheiro de geração de Rui Palmeira. Surpreendeu-me e sensibilizou-me, entretanto, o nobre Senador Filinto Müller ao comunicar-me ontem que me havia designado para falar "como Líder da ARENA e em nome do nosso Partido", já que S. Exa. não se sentia em condições emocionais de fazer-se ouvir nesta homenagem à memória

do seu fraternal amigo. As palavras e a atitude do eminente Líder da ARENA consagram em Rui Palmeira a grande figura humana que êle era, capaz de provocar em homens de tal nível sentimento tão profundo.

SOLIDARIEDADE

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Permite V. Exa., um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Quero, em meu nome pessoal, solidarizar-me com a justíssima homenagem que V. Exa. está prestando à memória do nosso saudoso Senador Rui Palmeira. Conheci-o de longa data, sobretudo ao tempo da Assembléia Constituinte de 1946. Era, na verdade, como assinalou V. Exa., na parte do discurso que tive o prazer de ouvir, homem ponderado, simples, inflexível e intangível no seu temperamento. Calmo ante a derrota ou a vitória. Tinha uma comunicabilidade excepcional. Mesmo com aquêlê temperamento frio que o caracterizava, fazia amizades com a maior facilidade, despertava simpatia, e todos nós o admirávamos, aqui, não só por êsse aspecto da amizade pessoal que êle despertava em todos os nossos corações, como pelo cavalheirismo na área parlamentar. Era homem culto, inteligente, e, sobretudo, se caracterizava como homem público pela lealdade, pela devoção aos compromissos políticos que assumia. Nunca foi um trãnsfuga; era homem sério, homem digno, homem correto. No momento em que homenageamos a sua memória, recordo êsse passado de minha estima pessoal com êle, para solidarizar-me, com emoção e saudade, à homenagem que V. Exa. lhe está prestando, com tanto brilho — característica também da inteligência e da cultura de V. Exa.

O SR. ARNON DE MELLO — O testemunho de V. Exa., Senador Argemiro de Figueiredo, honra Alagoas, onde nasceu Rui Palmeira, como honra esta Casa, a que êle pertenceu. E a mim sensibiliza profundamente, como velho companheiro de lutas democráticas de Rui Palmeira. Muito obrigado a V. Exa. pela generosidade das suas palavras.

PRESENTE AS AULAS

Senhores Senadores:

Deixo, nesta altura, a província querida, o ambiente em

que nossa família política se constituiu e se uniu há tantos anos, sob a chefia de Rui, deixo os meus sentimentos de alagoanidade que nesta tribuna me fizeram dizer tanta coisa como se eu estivesse em Maceió, na Rua do Comércio 400, onde Rui Palmeira reunia os amigos e companheiros ; e chego à política nacional, ao Senado, onde lutamos pelo Brasil, falando agora no desempenho da missão com que me distinguiu o eminente líder da ARENA.

Nestes quarenta anos, Rui Palmeira esteve presente em todos os lances da vida política não somente de Alagoas mas também do País. Aqui, neste Congresso, Deputado de 1947 a 1954 e Senador de 1955 a 1968, integrou-se êle, sem esquecer nossa terra, na vida nacional, rigoroso sempre na fidelidade à democracia, empenhado nos acontecimentos que marcaram os últimos tempos. Bem conhecemos todos nós a sua participação na fase preparatória da Revolução de 31 de março. O mesmo menino rebelado da década de 20, o adolescente idealista que pegou em armas na década de 30, o jovem Deputado das décadas de 40 e 50, todos reviveram no Senado da década de 60 e juntos mergulharam na conspiração que promoveu a vitória de 64.

SERVIÇOS À LAVOURA DO NORDESTE

O Sr. João Cleofas — Permite V. Exa., um aparte?

O SR. ARNON DE MELO — Pois não.

O Sr. João Cleofas — Associe-me ao pesar de V. Exa., e de todo o Senado, e me permito lembrar a V. Exa. a qualidade de líder da classe de lavradores de cana, não só de Alagoas, mas também de todo o Nordeste, que Rui Palmeira deteve durante tanto tempo. Foi êle Presidente da Associação de Lavradores de Cana de Alagoas, e foi Diretor da Federação dos Plantadores de Cana do Brasil. Com a sua energia serena, com a sua determinação tranqüila, realmente prestou os mais assinalados serviços à desamparada lavoura do Nordeste brasileiro. Quero dar meu depoimento, não apenas como amigo invariável, durante tanto tempo, que fui de Rui Palmeira, mas sobretudo também como homem que acompanhou a sua ação de liderança em favor da agricultura do Nordeste, que deve a êle os mais valiosos, os mais destacados serviços.

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador, incorporo ao meu discurso, com grande alegria, as palavras de V. Ex.,

que testemunham grandes serviços prestados por Rui Palmeira à agricultura brasileira.

AMOR A LIBERDADE

Senhor Presidente:

O amor de Rui Palmeira pela liberdade motivava-o para uma permanente atuação política, que não se fatigava nunca, que não se fazia ostensiva mas se afirmava na eficiência. Muitas importantes decisões se tomaram aqui graças a sugestões dêle, sem que seu nome aparecesse. Quem o conheceu sabe a falta que nos faz o lúcido companheiro para ajudar-nos no caminhar sem fim em busca das melhores soluções dos problemas do povo.

Como estimaríamos ouvi-lo neste momento! Mas, por tanto tempo e tão permanentemente com êle convivemos, que, na impossibilidade de evitar-lhe a ausência, quase poderíamos dizer que lhe conhecemos o voto. Certo, estaria Rui Palmeira nesta hora mais do que solidário com o nosso Partido: teria sido daqueles que propoariam as decisões que tomamos.

SENTIMENTO HUMANO

O Sr. Victorino Freire — Permiete V. Exa. um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Com prazer.

O Sr. Victorino Freire — V. Exa., no seu discurso, interpreta e reaviva a saudade e o pesar de todo o Senado pelo desaparecimento do Senador Rui Palmeira. Era ligado a S. Exa., por amizade fraternal. Vou contar um episódio da sua bondade e da sua resistência heróica à moléstia que o vitimou. Estando minha espôsa em estado grave, êle, do seu leito de dor, várias vêzes telefonou para a minha casa animando-a para que ela enfrentasse a provação, porque êle estava bem. Era o aparte que queria dar ao brilhante discurso que V. Exa. está pronunciando.

O SR. ARNON DE MELLO — Fico muito feliz, Senador Victorino Freire, em ouvir o seu aparte que destaca outras qualidades do Senador Rui Palmeira. Muito obrigado a V. Exa.

SOLIDÁRIO COM OS COMPANHEIROS

Podemos, Senhor Presidente, podemos, nobre líder da



ARENA — a quem agradeço comovido a distinção de dar timbre nacional à minha voz de alagoano em louvor a Rui Palmeira — podemos estar tranqüilos. Se ainda presente neste mundo, ao nosso lado se encontraria agora Rui Palmeira, batendo palmas a V. Exas., bravos companheiros, pelo acêrto com que se conduzem na direção do nosso Partido e desta Casa.

ALFREDO DE MAYA

Sr. Presidente : (*)

As comunidades humanas são sempre marcadas por personalidades que se afirmam em determinadas épocas pela sua identificação com os interesses coletivos.

Alfredo de Maya, que faleceu em Alagoas com mais de oitenta anos de idade, desempenhou na minha terra papel saliente ao longo de muitos anos. Jovem, bem jovem, foi deputado federal e, com a sua argúcia e a sua inteligência bem cultivadas no contacto com os meios académicos e intelectuais da Bahia, onde estudou e se fez amigo do Governador Severino Vieira, conviveu com os melhores círculos da política brasileira.

Era o tempo em que no nosso Senado pontificava Pinheiro Machado, que o tomou em estima, a figura telúrica do caudilho contrastando com a de Rui Barbosa, o purista da língua, o humanista, o jurista, o lírico combatente das liberdades formais, expressão da velha cultura europeia, querendo impor ao mundo nôvo estuante de vida os modelos de civilizações já formadas.

DOIS BRASIS

Eram os dois Brasis que competiam: o que saía de dentro de nós mesmos, como se nascesse das terras esplendentes de luz e força nativa nas quais “em se plantando tudo dá”, e o Brasil que vinha de fora nas caravelas da cultura latina enraizada no pequeno Portugal, bravo e lúcido criador de mundos novos.

Se, no plano étnico, aqui se fez, num abrir e fechar de olhos, a miscigenação, o sangue português diluindo-se, rápi-

(*) Discurso pronunciado na sessão de 30 de novembro de 1968 do Senado Federal, em Brasília.

dó, graças à lascívia lusitana exaltada ao calor dos trópicos, no sangue africano e ameríndio, e produzindo a figura do mulato e do caboclo, bem lenta se processava a integração no campo da inteligência e do espírito, chocando-se a cada passo os clarões da erudição e da cultura latina nas asperezas dos atritos com a realidade ambiente e nos descompassos das três raças tristes. E ainda quando um filho do povo mestiço se elevava às culminâncias da vida literária e intelectual, surgiu êle, e é o caso de Machado de Assis, ungi-do dos primores da cultura clássica como a impor ao mundo nôvo estuante de vida os modelos de civilizações longínquas.

PINHEIRO E RUY

Grande tarde aquela em que Pinheiro Machado, alte-neiro como uma palmeira imperial, tentou neste Senado apartear o Rui vulcânico e corruscante na eloquência sem medi-das dentro das suas modestas dimensões físicas. Não foi fe-liz o caudilho no articular das palavras e no construir das frases, faltou-lhe a gramática, falseou-lhe a prosódia, e Rui, ferino e cortante como uma lâmina, censurou-lhe cruelmente a cincada. Imaginou-se que a repreensão do mestre da língua, exaltado na defesa desta e na agressão ao adversário político, fôsse ou exasperar ou deprimir o líder imbatível, que só a morte derribaria. Mas êste retrucou-lhe sereno, olímpico, im-placável:

— Há V. Exa. de me compensar da falta de não falar corretamente a nossa língua por não haver estudado como desejava e como V. Exa. estudou. Mas é que, enquanto V. Exa. se ilustra e cursava as tradicionais escolas do país, eu es-tava combatendo de armas na mão em defesa da Pátria e para manter a ordem que propiciaria a V. Exa. aperfeiçoar os seus estudos, e hoje poder falar com tanto saber neste ple-nário livre.

As palavras do caudilho, que cito sem aspas, porque de memória sem haver recorrido a documentos, brotaram re-passadas de emoção, e tocaram fundo o Senado todo. Era o Brasil vivido, não o das belas letras e dos grandes autores, mas o Brasil sentido, o Brasil brasileiro que falava pela voz de uma das expressões mais puras da sua realidade. E ainda hoje tais palavras, quase sexagenárias, têm, para tristeza nos-sa, palpitante atualidade, gritante e comovente atualidade ainda, pois vivem com o mesmo conteúdo através daqueles que deixam de estudar talvez já não porque lhes falte tempo,

ocupados com a defesa da Pátria, mas porque à míngua de recursos para custear os estudos ou à falta de vagas nas escolas.

NA REVOLUÇÃO DE 30

Alfredo de Maya viveu nesse mundo de grandes figuras humanas, povoado de contrastes e confrontos, que êle amava recordar nos cavacos com os amigos, trazendo êle mesmo, dentro de sua personalidade tão rica, os dois Brasis, escritor admirável que era, versado nos melhores autores da língua portuguesa e francesa, mas sempre fiel às suas origens alagoanas, homem típico da nossa terra, com arrancos de leão e complacências de bom cristão, marcado pela generosidade e por uma certa ingenuidade.

Ao lado de Juarez Távora e José Américo, foi o grande de Alagoas nos primeiros dias da Revolução de 30, mas, embora apaixonado pela política, quiseram os fados que sua vocação de servir antes se exercesse na liderança das forças econômicas alagoanas. Afastado das lutas partidárias, sem dispor do poder público, era de ver-se, no entanto, o prestígio que o cercava, matrizado na sua fidelidade às aspirações e aos interesses da comunidade agro-açucareira, que representa 60 % da economia do meu Estado.

AUTENTICIDADE

E quando se retirou das atividades industriais, não quis descansar, porque jamais descansou e não sabia fazê-lo. Confirmou então sua autenticidade: foi realizar no campo as idéias que defendia e pregava. Escolheu Palmeira dos Índios, no sertão alagoano, para palco de sua ação de pecuarista e agricultor, ali fundando uma fazenda que é um modelo, desde a sólida casa senhorial, seu pôsto de comando, até os laranjais magníficos, plantados e mantidos dentro da melhor técnica moderna, e o gado de raça que melhorava e apurava os rebanhos alagoanos.

Experimentou, assim, Alfredo de Maya emoções as mais diversas na vida política e na vida econômica, no plano das idéias e no das realizações, alteiando-se tanto nas áreas do espírito como nas da ação.

Requeiro, Sr. Presidente, que conste da ata dos nossos trabalhos um voto de pesar pelo desaparecimento de Alfredo de Maya.

JORGE DE LIMA (*)

Ao falar de Jorge de Lima, relembro, quase em tom de confidência, a minha infância e a minha geração. Meus olhos de criança fixaram bem a fisionomia do poeta em dia de sérias preocupações para minha família. Residíamos em Maceió, e minha irmã estava gravemente enfêrma. Era preciso chamar, rápido, o médico. O médico era Jorge de Lima, que, com Estácio de Lima, monopolizava a clínica de Alagoas. Andava eu, então, pelos 10 ou 12 anos. Frequentava a escola de Dona Marianinha, jogava futebol com os moleques da minha rua — a Rua do Alecrim — e era doido pela bagaceira do engenho de meu pai.

Homem afeito ao trabalho rude, meu pai queria os filhos para o campo, para a realidade dura, enquanto minha mãe, cheia de imaginação, os queria para os livros. Já a guerra de 1914 impedira que, por insistência dela, meus irmãos mais velhos, então dedicados à agricultura, fôssem fazer um curso na Europa. Casando muito cedo e tendo tido 13 filhos, pouco estudara, e como que desejava compensar esta deficiência através da nossa educação mais apurada. O aparecimento de Jorge de Lima, cheio de sucesso, quando a crise do açúcar levava tudo quanto meu pai possuía, reacendeu-lhe o sonho e confirmou-a no entusiasmo pelas coisas da inteligência. Eu estava a essa época em idade madura para a primeira comunhão. Jorge de Lima, além de médico, era homem de letras, poeta. Por que não o convidar para meu padrinho de crisma? E no dia da cerimônia, com a felicidade estampada nos olhos, minha mãe me dizia, ainda na Igreja :

— Quero que você estude e se forme, como o seu padrinho Dr. Jorge.

(*) Artigo publicado na Revista Acadêmica, do Rio, nº 70, de dezembro de 1948.

Passam três ou quatro anos. O menino de engenho, então revisor de jornal, junta-se aos companheiros de geração num grêmio literário. Diegues Júnior, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti, Raul Lima, Carlos J. Duarte, Francisco Marroquim, José Mota Maia e alguns outros éramos o Grêmio Literário Guimarães Passos. Sob a inspiração do poeta, cuidávamos das belas-letas e fazíamos os nossos versos. As aulas e o trabalho — pois muitos trabalhavam para custear os estudos — não impediam que realizássemos nossas reuniões semanais, à noite, em casa de Diegues. Aurélio falava muito, porém nada escrevia. Valdemar lia como nenhum outro, e publicava versos. Raul Lima e eu trabalhávamos no **Jornal de Alagoas**. Raul já possuía a vocação jornalística que depois confirmou na imprensa do Rio. Carlos J. Duarte elogiava Wilde, enquanto José Mota Maia escrevia artigos políticos e realçava os feitos dos tenentes revolucionários em marcha pelo Brasil. Quase todos os meses, um sarau literário, em que Salustiano Eusébio de Barros, o Salu, brilhava a recitar sonetos com o seu característico timbre de voz e a sua fisionomia grave e carrancula. Havia também outros companheiros, de mais idade, entre eles Carlos Paurílio e Barreto Falcão. Havia Emílio de Maya, redator-chefe do órgão católico **O Semeador**. E havia um, dos mais inquietos entre os meninos, que não queria prender-se a agremiações literárias: era o grande Aloísio Branco, luz que tão cedo se extinguiu e que tão brilhantemente marcou sua presença entre nós.

Ao mesmo tempo que nos exercitávamos na literatura, realizávamos a nossa experiência política e democrática. Nunca vi eleições mais disputadas que as do Grêmio Literário Guimarães Passos. Lançados os candidatos, o trabalho era absorvente e intensíssimo. Vencia-se, às vezes, pela diferença de um voto. O sistema do sufrágio livre e secreto funcionava honestamente, sem probabilidade de fraude. Diretoria cujo mandato findara passava tranquilamente o poder aos cleitos, mesmo que o vencido fôsse Diegues Júnior, fundador do Grêmio. As nossas mentes jamais conceberam um só segundo a idéia de usurpação. Defendíamos a rotatividade dos mandatos e respeitávamos a vontade da maioria. O dia de eleição era de orgulho e honra para todos.

Uma bela manhã, porém, nós, que, tão bem ajustados, adorávamos o alexandrino e vivíamos no mundo parnasiano, acordamos com a novidade que era uma revolução. Jorge de Lima, o admirador de Bilac e Afrânio Peixoto, o apurado Jorge de Lima, de sonetos perfeitamente rimados e metrificados, passara-se de armas e bagagens para os bárbaros do modernismo. Pareceu-nos, a princípio, caso de loucura, mas logo se nos dissipou a ilusão. Jorge continuava, sereno e suave, na mesma lida, a dar consultas, a tratar doentes, muitos dos quais homens dos mais ilustres do Estado, cuja confiança na competência e consciência do médico os versos soltos do poeta não destruíram. Perdida estava mesmo para nós, jovens parnasianos, a esperança de recuperá-lo, ao mavioso cinzelador dos **XIV Alexandrinos**. Influenciado por um infame fiscal de Bancos, de costeletas e monóculo, que em má hora surgira por Maceió — o paraibano José Lins do Rêgo, então crítico literário, —, lá se fôra definitivamente o fino poeta do **Acendedor de Lampeões**. Agora quem o quisesse ver era no **Mundo do Menino Impossível**.

Procuramo-nos opor ao ultraje, fincar o pé, repelir a monstruosidade, mas os miseráveis, com as suas seduções, terminaram por vencer a nossa sensibilidade de 16 anos. E logo se consumou a desgraça. Aloísio fêz-se todo exaltação pela literatura moderna. Valdemar passou a escrever prefácios para **Poemas** de Jorge de Lima. Aurélio tornou-se amigo íntimo de Zé Lins. Quanto a mim, cheguei a escrever, em artigo de jornal, que **Essa Nêga Fulô** seria capaz de mexer com o velho Alberto de Oliveira já petrificado em vida numa praia do Rio. Os dois demônios haviam mesmo corrompido os moços mais bem orientados da cidade.

Não agíamos, entretanto, leviana ou inconscienemente, apenas atraídos pelas côr, pelo barulho, pelos jogos de artifício do verde-amarelismo, que não vingou na nossa Província. Sentíamos realmente a poesia de Jorge de Lima, nela nos encontrávamos, no seu caráter ingênuo, na sua simplicidade, naturalidade, espontaneidade, na sua inocência, mais próxima das nossas calças curtas. Impregnava-a muita coisa de nós mesmos, não apenas coincidente com a nossa idade mas com a nossa alma e a nossa terra. Alagoas transfundia-se nela, o seu pitoresco, a sua vida quotidiana. Ao lado da paisagem, dos rios, das estradas de ferro, das árvores, lá es-

tava o elemento humano, o bom mestiço brasileiro, anaigamando raças e culturas, ajustando-se, afirmando-se, seus sofrimentos, suas ilusões, seu fundo místico, suas superstições, alongado muitas vezes no Cangaceiro e no Beato, bem marcado pela hereditariedade e pelo meio.

X X X

Era ademais com originalidade e independência que o poeta expressava o seu lirismo, fazia as suas evocações, aprofundava-se nas fontes da inspiração. Ele amava a liberdade de dizer, não submetia sua emoção a consagradas regras de versificar. Já não o comovia a profissão de t^e bilanguiana:

*“Torce, aprimora, alteia, lima
a frase, e, enfim;
No verso de ouro engasta a rima
Como um rubim.”*

Muito ao contrário de “vibrar a lança em prol do Estilo”, Jorge de Lima sentia então como Manuel Bandeira:

*“Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público, com livro de ponto,
expediente, protocolo e manifestação de aprêço ao
Sr. Diretor.”
“Não quero mais saber do lirismo que não é
libertação.”*

Tal circunstância, que dava ao poeta mais pureza e mais poder criador, assegurou melhor a conversão dos meninos do Grêmio Literário Guimarães Passos, no lar como na escola e no próprio Grêmio sempre sujeitos a normas mais ou menos rígidas de disciplina, e, na ânsia romântica de expandir-se, contra elas naturalmente rebelados.

Para usar a conhecida imagem de José Lins do Rêgo em ensaio a respeito mesmo de Jorge de Lima, pode-se dizer que o crítico e o poeta, conquistando-nos, tiraram a nossa geração de uma camisa de força.

SEN00034993



Senado Federal